

A HISTÓRIA DO MEU ROSTO: COMO AGENTES AMBIENTAIS PERCEBEM A ESTIGMATIZAÇÃO (RE)PRODUZIDA PELO DISCURSO¹

THE STORY OF MY FACE: HOW ENVIRONMENTAL STEWARDS PERCEIVE STIGMATIZATION (RE)PRODUCED BY DISCOURSE

Jutta GUTBERLET²
Bruno de Oliveira JAYME³

Resumo: *A história do meu rosto* entrelaça conceitos da semiótica social e análise do discurso para explorar como um material impresso, neste caso um folheto, pode gerar estigmatização dos catadores, conhecidos no oeste do Canadá como *binners*. Diariamente, a mídia expõe os humanos a signos (palavras, fotografias, desenhos) que parecem ser triviais, mas influenciam o modo como percebemos o seu significado. Entre os significados frequentemente encontrados nos meios de comunicação, a palavra "*scavengers*" tem sido usada, com uma conotação prejudicial para se referir aos recicladores autônomos. O presente estudo qualitativo baseia-se em dados coletados com *binners* durante pesquisa realizada na cidade de Victoria, Canadá. Em primeiro lugar, analisamos o diálogo entre os *binners* para explorar a percepção do estigma que sofrem. Segundo, usamos um folheto de alerta contra a atividade de catação de lixo (*scavenging*) produzido pela prefeitura para ilustrar o modo como o conteúdo comunica e reforça a estigmatização contra os recicladores. Em terceiro lugar, analisamos a discussão com o governo local, a comunidade local e os *binners* sobre *gestão inclusiva de resíduos sólidos* para descobrir diferentes percepções negativas. Ilustramos como os recicladores percebem o estigma e sugerem que a marginalização pode ser superada reiterando a imagem de agente ambiental.

Palavras-chave: semiótica social; análise de discurso; estigmatização; reciclagem informal; reciclador, catadores

Abstract: *The story of my face* intertwines concepts of social semiotics and discourse analysis to explore how a simple type of printed media (flyer) can generate stigmatization of informal recyclers, known as *binners* in Western Canada. Every day, media exposes humans to signifiers (e.g., words, photographs, cartoons) that appear to be trivial but influence how we perceive their meaning. Amongst the signifiers frequently found in the media, the word "scavengers", has been used to refer to autonomous recyclers. Specific discourse has the potential to promote and perpetuate discrimination against the individuals who deal with selective collection of recyclables and decrease the value of their work. Their work is valuable because it generates income for recyclers, recovers resources and improves overall environmental health. In this context, the present *qualitative* study draws on data collected with *binners* during research conducted in the city of Victoria, in British Columbia. First we analyze a dialogue between *binners* from a participatory video workshop, to explore their perceptions of the stigma they suffer. Second we use a flyer produced by the local government alerting against scavenging to illustrate how the content (*i.e.*, structural organization [text and images]) in which they are embedded work together to mediate stigmatization against recyclers. Third, we analyze videotaped

¹ A pesquisa foi financiada através de colaboração científica entre a University of British Columbia e University of Victoria, com recursos do Human Resources and Skills Development Canada (HRSDC).

² Professora do Departamento de Geografia da Universidade de Victoria (Canadá). Pesquisadora Visitante na FEUSP, São Paulo. E-mail jutttag@uvic.ca

³ PdH candidato na Universidade de Victoria. E-mail onurbio@uvic.ca

data from a panel discussion with local government, the local community, and binners on *inclusive waste management*, to uncover different negative perceptions of binners. In our study we look at the official discourse that marginalizes informal recyclers and creates social injustices. We illustrate how the recyclers perceive stigma and suggest that marginalization could be overcome by reiterating the image of environmental stewards instead of scavengers.

Key - words: social semiotics; discourse analysis; stigmatization; informal recycling; recycler, pickers

Introdução

Na costa oeste do Canadá, recicladores informais autointitulam-se *binners*, o equivalente a “catadores”. Portanto *binning* se tornou um termo culturalmente aceito para a atividade de separar materiais recicláveis, resgatando-os do fluxo de resíduos sólidos para obter renda. Na verdade, os *binners* são agentes ambientais, porque recuperam recursos que seriam descartados e que muitas vezes acabam no aterro sanitário.

Recuperar esses materiais para reciclagem poupa recursos naturais, energia e impede ainda mais destruição ambiental como consequência da extração de recursos primários. Ainda assim, os *binners* são frequentemente associados à sujeira e são estigmatizados e assediados por funcionários do governo e público em geral. No Canadá, a extensão da atividade do *binning* só recentemente chamou a atenção de acadêmicos e, portanto, há poucos estudos na literatura que descrevem o estigma social que essas pessoas carregam (Tremblay, 2007; AUTOR 2009). A maior parte da literatura que descreve e discute a estigmatização e marginalização dos recicladores informais vem dos países do Hemisfério Sul, onde grande parte da população está envolvida nessa atividade (Ackerman, 2001; Ali, 2006; Medina, 2001; Recicloscopio, 2007; Eigenheer, 2003). Os problemas de marginalização e rotulagem negativa dos *binners* e suas atividades representam uma questão social controversa. Essa questão precisa ser explicitada para superar o potencial subvalorizado e não reconhecido dos *binners/catadores* para construir comunidades mais sustentáveis. Recicladores informais em todo o mundo sofrem com tais percepções negativas que reiteram a sua marginalização social e a importante tarefa que cumprem na recuperação e no redirecionamento de materiais para a reciclagem (Medinam 2001; Eigenheer, 2003; Pongracz, 2004).

Neste artigo, discutimos o contexto da estigmatização por meio de vários diálogos que foram gerados durante a pesquisa com os *binners* de Victoria, no Canadá. Em 2007, um primeiro levantamento participativo com os *binners* foi realizado em Victoria para entender melhor os determinantes socioeconômicos que moldam a atividade, e aprender sobre a importância da recuperação informal de materiais. No âmbito deste projeto foram conduzidas nove entrevistas abertas, semi-estruturadas e profundas (duas com *binners*, duas com gerentes de depósito de recipientes retornáveis, três com assistentes sociais e duas com agentes do governo do Distrito Regional de Victoria (DRC)).

A pesquisa foi realizada com 156 *binners* em Victoria, com a ajuda de 11 facilitadores da própria comunidade de *binners*. Os resultados dessa pesquisa trouxeram à nossa atenção os problemas graves de marginalização e estigmatização que os *binners* sofrem (Autor, 2009).

Em 2009, o vídeo participativo (VP) foi utilizado como uma estratégia para documentar e fortalecer os *binners*. Um total de 12 *binners* de Victoria participaram deste projeto de pesquisa. Eles já haviam tomado posições de liderança no projeto de pesquisa anterior. As atividades de VP envolveram uma oficina de treinamento em vídeo, alguns dias de prática de filmagem em campo e um dia de finalização dos projetos de vídeo para fornecer os resultados da pesquisa e para receber a avaliação do processo de pesquisa dos *binners*.

Todas as atividades foram filmadas e os dados foram analisados e editados para diferentes finalidades de pesquisa e de trabalho educativo com a comunidade.

A Teoria Crítica Social (Freire, 1970), a Semiótica Social (Chandler, 2007; HODGE, 1988) e a Análise de Discurso (Edwards, 1992) expandem a nossa fundamentação teórica e metodológica. Essas teorias fornecem as ferramentas para entender como o discurso pode (re)produzir a estigmatização e assim reforçar a marginalização. Com base em diálogos extraídos de discussões em grupo realizadas em Victoria, nos aprofundamos nesses temas no contexto da comunidade de *binning*. Além disso, apresentamos um exemplo concreto de como um folheto oficial local pode produzir e reproduzir a estigmatização contra os *binners*. Concluímos com uma busca de um melhor entendimento de como o discurso influencia nossas percepções e contextualizações no dia a dia, e como a conscientização (FREIRE, 1970) irá capacitar indivíduos ou grupos marginalizados a contribuir para superar essas barreiras.

Bidders, verdadeiros agentes ambientais

Bidders organizados e autônomos são agentes ambientais que trabalham com coleta seletiva de materiais recicláveis, o que gera sua renda e melhora a saúde ambiental global (Autor, 2009; Medina, 2001).

Na maioria das vezes, no entanto, esses indivíduos vivem à margem da sociedade, sofrem preconceito e são excluídos de iniciativas governamentais para apoiar a sua atividade (Ackerman, 2001; Baud, 2001; Autor, 2003). A discriminação aumenta a sua vulnerabilidade a sofrer intimidação (“*bullying*”) ou ser tratado com preconceito por parte do público, e em todo o mundo perpetua a pobreza econômica e a desigualdade social (Bullard, 1996). Recicladores raramente participam do debate público com aqueles que estabelecem as políticas sobre o seu trabalho e seu papel na recuperação de recursos (Autor, 2008). Os recicladores muitas vezes não têm moradia, alimentam-se de comidas descartadas e conseguem o seu sustento vendendo materiais recicláveis. No hemisfério sul, os recicladores geralmente recuperam uma grande diversidade de materiais diferentes, sejam metais, plástico, papel e material de embalagem de papelão, enquanto os *binners* na América do Norte recuperam principalmente os vasilhames retornáveis como garrafas plásticas, de vidro e latinhas pelas quais podem obter dinheiro com sua troca. Como mencionado anteriormente, em todo o mundo os recicladores informais e *binners* são frequentemente tratados como lixo e têm poucos meios para mudar essas relações injustas. Assim, precisamos reconceituar o que consideramos ‘lixo’, valorizando os recursos embutidos nele e os benefícios ambientais recebidos com a sua recuperação. Ainda precisamos reconhecer os benefícios sociais da reciclagem organizada e informal como oportunidade para criar comunidades mais saudáveis.

Compreender como a discriminação contra os recicladores é produzida e reproduzida pelos meios de comunicação pode informar as estratégias para mudar essa realidade e promover a inclusão social dos recicladores. Ela também abre oportunidades para capacitar esses trabalhadores ambientais e promover justiça social.

Geografia Humana Crítica: um quadro analítico

A Teoria Crítica Social em Geografia Humana (Pile, 1992) ajuda a compreender os determinantes sociais, econômicos e políticos para a marginalização, e fornece um quadro analítico através do qual podemos explorar diferentes níveis de participação e práticas para combater a exclusão e a marginalização. A teoria social está preocupada em revelar e explicar

os processos concretos da vida quotidiana e é, por natureza, uma abordagem interdisciplinar. Vindo de uma perspectiva espacial-temporal da Geografia Humana, o foco está, então, sobre padrões e processos espaciais subjacentes às estruturas da vida cotidiana (Dear, 1988).

O propósito da geração de conhecimento na geografia também tem profundas motivações educacionais e como (Leonardo, p. 11, 2004) coloca: "a partir dessa perspectiva educacional a Teoria Crítica Social é uma base de conhecimento multidisciplinar, com o objetivo implícito de fazer avançar a função emancipativa do conhecimento".

Dentro da Teoria Crítica Social, há uma abordagem conhecida como Geografia Radical, derivada do marxismo estrutural durante a década de 1970, com David Harvey e Richard Peet como principais protagonistas (Harvey, 1972; Harvey, 1973; Peet, 1975; PEET, 1977). Essa abordagem chamou a atenção para as estruturas de poder que mantêm a desvantagem sistemática e para os movimentos sociais coletivos emergentes que confrontam a desigualdade. Os geógrafos cada vez mais levantam preocupações com as relações de classe e sua constituição através do território (Scott, 1986). Ao fazerem isso, as perspectivas feministas desconstruem a divisão patriarcal do espaço urbano ou a segregação residencial baseada no racismo (Jackson, 1987), só para citar alguns dos principais temas decorrentes da geografia humana. Smith, por exemplo, defende a importância de geógrafos tornarem-se "engajados não só em um debate reflexivo sobre como a sociedade está estruturada, mas também em debates políticos sobre como, e através de quais mecanismos, as sociedades devem ser estruturadas" (SMITH, p. 154, 1989).

Assim, em nosso trabalho, aplicamos uma abordagem transdisciplinar juntando conceitos educacionais a conceitos geográficos.

Semiótica Social e Análise do Discurso: uma ferramenta para descobrir as injustiças sociais

Uma maneira pela qual podemos entender como a mídia impressa em geral pode gerar estigmatização dos *binners* é através da interpretação dos signos, mais especificamente os significados (por exemplo, palavras, imagens, símbolos) que parecem ser triviais, mas que influenciam o modo como percebemos os seus conteúdos (Chandler, 2007; Burges, 1990; Danesi, 2008; Hwang, 2005).

Trazendo os conceitos da semiótica para a geografia cultural dos *binners*, podemos distinguir signos, como o termo em Inglês *scavengers* (catadores) que têm aparecido nos meios de comunicação norte-americanos e têm sido usados para se referir aos *binners* com conotação prejudicial. O significado dessa palavra coloca os *binners* em um espaço social específico (Caldeira, 2000; Lefebvre, 1991; Soja, 1996), onde realmente produzem e reproduzem uma realidade de exclusão social, difícil de mudar. Ao fazê-lo, tais materiais impressos medeiam a discriminação contra os *binners*, diminuindo o valor do seu trabalho e não reconhecendo a contribuição que prestam à sociedade (limpando o meio ambiente e poupando a extração de recursos naturais novos), o que cria o risco de serem marginalizados.

Em conjunto com a semiótica social, podemos usar a análise do discurso (Edwards, 1992) como uma ferramenta analítica para interpretar o conteúdo de folhetos, cartazes, revistas, sites, relatórios de pesquisa e jornais. O discurso é, de fato, uma parte central de nossas vidas e nossas interações com o ambiente são sempre mediadas por algum tipo de comunicação verbal ou não-verbal. Assim, o próprio discurso está relacionado às interações sociais e visuais, incluindo diferentes formas de escrita, desenho, imagem, fotografia e assim por diante. Com base nesta premissa, o discurso da mídia torna-se uma importante ferramenta que medeia a compreensão do público sobre questões ambientais. Portanto, analisar o

discurso é útil para explorar a forma como o público em geral percebe o seu conteúdo, contribuindo para a compreensão de como a mídia pode gerar preconceito contra os recicladores. Neste contexto, a análise do discurso é uma abordagem para a compreensão da escrita. Em outras palavras, é o estudo da língua (por exemplo, textos escritos) em uso, reconhecendo que a linguagem não pode ser entendida fora do contexto em que ela é usada. No contexto de nossa pesquisa, a análise do discurso como ferramenta analítica (Roth; Alexander, 1997) nos ajuda a entender como a discriminação é produzida e reproduzida pela mídia.

Um exemplo de como a mídia impressa pode (re)produzir a estigmatização

Em nossa análise de discurso tiramos dados qualitativos de entrevistas e diálogos gravados em vídeo desde 2008, no contexto do projeto de pesquisa de VP com *binners* em Victoria. Esse projeto de vídeo participativo aconteceu em colaboração com o projeto MOTHER e faz parte de uma iniciativa de pesquisa, o *Projeto Gestão Participativa e Sustentável de Resíduos Sólidos (Participatory Sustainable Waste Management Project PSWM)*, que se concentra em questões de subsistência dos recicladores informais e organizados em diferentes países do mundo. Os participantes foram capacitados em tecnologia de vídeo, planejamento temático do vídeo (*storyboard*) e pós-produção. Eles documentaram seus próprios vídeos, mostrando suas experiências e desafios nas ruas, sua luta constante contra a discriminação e pela inclusão social. O processo de vídeo participativo (VP) em si teve como objetivo contribuir para o fortalecimento e crescimento pessoal dos recicladores.

Nossa intenção aqui não é de esgotar a análise de discurso e a análise semiótica, mas de destacar, com *A história do meu rosto*, a importância de um olhar crítico sobre o conteúdo da mídia. Outro objetivo é de dar voz às percepções dos próprios *binners* como parcela marginalizada da nossa sociedade.

A história do meu rosto

O seguinte diálogo aconteceu durante o workshop de VP com dois recicladores em Victoria. Havia também outros participantes sentados ao redor de uma mesa discutindo o vídeo que eles estavam prestes a produzir. O assunto da discussão era a identificação de possíveis temas que eles poderiam explorar com a produção dos vídeos, quando Mark, um dos *binners*, disse: "Há um certo estigma ligado às pessoas na, ... bem a qualquer um que faz binning. ... [pensam que] ele deve ser um drogado, ou um pedinte... Deve ser!" e outra *binner* chamada Joy conclui: "...ou um sem-teto, é um rótulo que já está lá fora e que precisa ser quebrado".

Mark liga os dois substantivos "estigma" e "binning" com o verbo "conectar". Ao fazer isso, ele deixa transparecer aos seus ouvintes que *qualquer um* que trabalha com *binning* é estigmatizado. No contexto geral da sua conversa, parece que Mark está repetindo uma frase que ele provavelmente ouviu antes, que seria possível ter sido endereçada a ele mesmo. Além disso, o uso do verbo modal "deve" (modal verb *must em inglês*) seguido pelo verbo "ser" (*to be*) exprime uma opinião sobre algo que é logicamente muito provável que aconteça. Por exemplo, se Mark é um *binner*, é muito provável que ele também seja um viciado em drogas (*druggie*) e um pedinte (*panhandler*). Neste ponto, Joy traz outro estereótipo ligado aos *binners*: ser sem-teto. Ela não só interrompe a fala de Mark, mas também complementa a

sentença anterior. Essas observações ressaltam a percepção de que os *binners* não são apenas viciados em drogas e pedintes, mas muito provavelmente também vivem nas ruas.

Quando Joy menciona que isso caracteriza um rótulo, ela expressa que tal estigmatização é o aspecto do caráter de alguém que é apresentado a ou percebido por outros e que é incorporado às interações sociais ("*que está lá fora*"). Em outras palavras, de acordo com Joy, embora ela não defina qual a sua origem, o estigma já existe. Joy finaliza esse diálogo afirmando que esse estigma sofrido pelos *binners* deve chegar a um fim e que *deve ser quebrado*.

Essa narrativa não conta apenas a história do rosto de Mark e de Joy, mas sim a história de estigmatização e de injustiça social sofrida por *binners* em geral. Esta é a história de tantos outros rostos que vivem da coleta de materiais recicláveis dos cestos de lixo das zonas urbanas.

A maioria desses rostos tornou-se invisíveis e são discriminados pela nossa sociedade. No entanto, existem pessoas por trás desses rostos e o seu trabalho efetivamente desempenha um papel importante na criação de uma forma mais sustentável de vida, ao mediar a reciclagem de materiais descartáveis. Os *binners* existem porque não há política de desperdício zero na política de recuperação de recursos no Canadá. Estilos de vida consumistas e não sustentáveis geram quantidades crescentes de resíduos sólidos que precisam ser adequadamente tratados (Pongracz, 2004). Os *binners* cumprem uma pequena fração do redirecionamento dos resíduos sólidos de forma adequada. Enquanto os consumidores descartam seus recipientes de bebidas em lixeiras públicas, em seus lixos domésticos ou despejam na rua ou em terrenos baldios, os *binners* recuperam esses materiais e os canalizam para o ciclo de reciclagem. Assim, ao recuperar esses recursos, realizam uma atividade de agentes ambientais. É claro que em uma sociedade sustentável, consciente e de desperdício zero, não haverá mais a necessidade de *binning*. Nesse melhor cenário, os *binners* também teriam diversificado a sua atividade com múltiplas opções relacionadas à recuperação de recursos; educação ambiental ou de microempresários que possam transformar os materiais recicláveis, agregando valor, como já acontece em diversos lugares no mundo.

Binning: uma atividade ilegal?

O seguinte exemplo de um produto da mídia impressa (folheto), produzido pela cidade de Victoria e amplamente divulgado na Grande Victoria (CRD, 2010) destaca como a estigmatização se torna uma ideia pré-concebida que molda o nosso comportamento. Em agosto de 2009, moradores do Distrito Regional de Victoria (DRC) receberam um folheto (Figura 1) (CRD, 2010) junto aos recipientes para o material reciclável, as chamadas caixas azuis e sacos azuis, enviado pelo escritório do DRC, que lançou uma campanha de conscientização sobre a catação informal de lixo (*scavenging*) e o risco associado ao roubo de identidade (a partir da catação de documentos jogados fora). No panfleto pode-se ler o texto intitulado "Catação de lixo (*scavenging*) e roubo de identidade - Reciclagem informal".

O texto do folheto logo de início declara que qualquer pessoa que retire material da caixa azul é considerada um ladrão. O DRC tem fortes razões para argumentar dessa forma, uma vez que a coleta seletiva de materiais recicláveis foi dada em contrato à empresa METRO Waste Paper Recovery Inc., cujo negócio depende dos lucros obtidos com a reciclagem. O contrato de coleta seletiva é baseado no percentual de materiais recicláveis (garrafas de plástico, latas de alumínio, papel, etc.) Menos desses materiais na caixa azul significa menos lucro para esta empresa. Portanto, o DRC incentiva formas que impeçam que os recicláveis sejam recolhidos por *binners*. Oficialmente, os recicláveis são recolhidos e

separados pela METRO Waste e, dependendo dos preços dos materiais atuais, podem ser redirecionados para a indústria de reciclagem.

A fim de garantir que recursos suficientes permaneçam na caixa azul, o DRC criou uma lei complementar (# 2290), que qualifica como ladrão qualquer um que tire qualquer coisa da caixa azul, exceto o proprietário ou a empresa contratada, e se os *binners* fizerem isso, têm que pagar multas de até CAD\$100 e todos os seus pertences são confiscados.

Com essa campanha anticoleta ilegal, o DRC incentiva as famílias a "doarem" os seus recicláveis de alto valor (latas e garrafas de plástico) para a caixa azul, conscientes de que o número de *binners* na cidade vem aumentando significativamente nos últimos meses. Dado o aumento do tamanho da população de *binners* e moradores de rua em Victoria, estes estão tendo mais exposição na mídia e suas circunstâncias de subsistência tornaram-se mais perceptíveis. Enquanto em 2006 havia cerca de 50 *binners* na CRD, o número aumentou para até 250 em 2010 (Autor, 2009; Henry, 2010). Uma série de questões polêmicas está atualmente em debate na imprensa local, incluindo o eventual fechamento do único depósito de garrafas do centro da cidade, a proibição de acampamento dos sem-teto em locais públicos ou o fechamento da instalação de troca de seringas descartáveis.

Figura 1. Folheto gerado pelo DRC e distribuído na Grande Victória em 2009. (Reproduzido com permissão (CRD, 2010), publicado pelo Distrito Regional da Capital).

Scavenging & Identity Theft - Curbside Recycling

What is scavenging?

Scavenging means that someone is taking recyclable materials from your blue box or bag without your permission. CRD Bylaw No. 2290 states that no person, except the owner and the CRD recycling collection contractor, shall remove any recyclable materials from a recycling container at the curb prior to its collection.

Why does the CRD have a bylaw against scavenging from recycling containers?

The CRD has contractual obligations to provide the maximum quantity of materials available to its collection and processing contractors. The theft of materials (such as aluminium cans) may result in loss of revenue from the sale of recyclables and increase program costs.

Why should I be concerned about scavenging from my recycling containers?

One issue of growing concern is identity theft. Scavengers may take documents with your personal information and use the information without your knowledge or consent. This can pose a serious threat to your privacy.

How can I protect myself against identity theft?

We recommend that you shred or tear all papers containing personal information prior to recycling. You can also use a permanent dark pen to cover up confidential information. Place shredded paper in a closed or stapled paper bag, cereal box or other non-corrugated box inside your blue bag.

We also recommend that you place your recyclables at the curb as close as possible to the pick-up time of 7:30 a.m. on the morning of your collection day. This reduces the opportunity for scavengers to rummage through your blue boxes and bags.



The graphic titled 'CRD RECYCLING TIP #2' features a cartoon illustration of a woman holding a recycling bin. The text reads: 'OUTSMART EVEN THE MOST MEDDLING MISCHIEF MONGERS! SHRED YOUR SENSITIVE PAPERS! THEN STUFF THEM IN AN EMPTY CEREAL BOX OR PAPER BAG FOR RECYCLING.' At the bottom, it provides the CRD Hotline: 360-3030 and the website www.crd.bc.ca/es.

Tradução do folheto:

Catação de lixo (Scavenging) e Roubo de Identidade – Reciclagem informal de rua

O que é catar lixo?

A catação de lixo ocorre quando alguém está tirando material reciclável da sua caixa ou saco azul sem a devida permissão. A lei número 2290 do DRC declara que nenhuma pessoa, exceto o dono e a empresa de reciclagem contratada pelo DRC podem remover qualquer material reciclável dos containers de reciclagem na calçada antes deste ser recolhido.

Por que o DRC tem uma lei contra a catação de lixo dos containers dos recicláveis?

O DRC tem obrigações contratuais de fornecer a maior quantidade possível de material reciclável às empresas contratadas para coletar e reciclar estes materiais. O roubo de materiais (como latas de alumínio e garrafas PET) pode resultar em perda de ganhos na venda de recicláveis e aumentar os custos do programa.

Por que eu deveria me preocupar com a catação ilegal de lixo dos meus recipientes de reciclagem?

Uma questão de crescente preocupação é o roubo de identidade. Os catadores podem pegar documentos com informações pessoais suas e usar esta informação sem o seu conhecimento ou permissão. Isto pode significar uma séria ameaça à sua privacidade.

Como posso me proteger contra o roubo de identidade?

Recomendamos que você use o picador ou rasgue todos os papéis que contenham informações pessoais antes de enviá-los para reciclagem. Você pode também usar uma caneta preta para cobrir informações confidenciais. Coloque o papel picado em um saco fechado ou grampeado, caixa de cereais ou outro tipo de caixa dentro do seu container azul de reciclagem.

Recomendamos também que você coloque os seus recicláveis na calçada o mais próximo possível do horário da coleta das 7h30 da manhã do dia da coleta. Isto reduz a possibilidade dos catadores vasculharem a sua caixa ou saco azul.

Durante um seminário sobre "gestão inclusiva de resíduos", realizado em 2006 na Universidade de Victoria, o representante do DRC deixou claro que as questões relacionadas com *binning* são consideradas "*em primeiro lugar questões sociais*" e "*não tanto questões de gestão de resíduos*". Em geral, o DRC não está disposto a enfrentar a gestão de resíduos numa perspectiva integrada, abordando questões sociais e econômicas, juntamente com a recuperação de recursos. A atitude oficial que prevalece é que o lixo precisa ser tratado com tecnologia que envolva soluções de engenharia, em vez de uma perspectiva integrada, tendo em conta a geração de empregos, a educação em direção a comunidades mais sustentáveis, e estratégias para o desperdício zero. Durante o seminário sobre gestão inclusiva de resíduos, um funcionário do DRC de Victoria expressou:

"Do ponto de vista da gestão de resíduos, recipientes de bebidas representam menos que 2% do fluxo de resíduos que vão para o aterro em Victoria. Não é um componente muito importante. Não vai nos ajudar a entender as causas da geração exagerada de resíduos sólidos e tirar cada uma destas garrafas de lá não vai prolongar significativamente a vida de um aterro" (Capital Region District Official, 2008; LAVIGNE, 2006).

A opinião expressa aqui parece não reconhecer o potencial dos *binners* também para recolher outros materiais descartados, incluindo restos de vegetais compostáveis. Essa fala tampouco percebe o papel dos *binners* como agentes ambientais, sustentando a coleta seletiva e diminuindo o desperdício. Como um dos *binners* argumenta: "É um trabalho sujo, mas alguém tem de fazê-lo". Ele então continua: "Nós somos como o "plecostomus" do aquário. Somos os únicos a mantê-lo limpo, mas não somos tão bonitinhos".

O funcionário do DRC destaca:

"Eu não acho que esses caras querem fazer isso para ganhar a vida. Esperamos mais da sociedade para essas pessoas e conseguir para elas trabalhos que elas querem e merecem. Gostaríamos de ver isso acontecer de

forma que ninguém tenha que pular na lixeira e ser perseguido pela polícia" (Capital Region District official, 2008).

A partir desta última passagem, é claro que existe um preconceito inerente a julgar aqueles que trabalham com resíduos como sendo menos dignos, em vez de reconhecer o potencial para expandir a recuperação de recursos e dignificar o trabalho providenciando remuneração, segurança e qualidade no trabalho.

A catação de recicláveis percebida como ameaça

Olhando mais de perto a desenho do folheto do DRC (Figura 2) (CRD , 2010), observamos três eventos diferentes e interligados acontecendo. Esses eventos funcionam em conjunto para produzir a conotação de que os *binners* são animais urbanos. Em semiótica, a conotação das palavras envolve outros signos significadores. Ou seja, signos que se tornam significado de um segundo significado.

Figura 2. *Cartoon* extraído do folheto do DRC. (Reproduzido com permissão do editor (CRD , 2010), publicado pelo Distrito Regional da Capital).



Tradução da tira:

Dica do DRC número 2

Seja mais esperto até mesmo que os criadores de problemas mais intrometidos!!! Pique todos os seus papéis com informações sensíveis! Depois os coloque em uma caixa de cereais vazia ou um pacote de papel para reciclagem.

Hot Line do DRC: 360-3030

www.crd.bc.ca/es

Distrito Regional da Capital – Serviços ambientais

A Figura 2 destaca em primeiro plano uma mulher com uma cara feliz, dona de seus materiais recicláveis bem protegidos, enquanto seu vizinho está estressado assistindo guaxinins mexendo nos seus materiais recicláveis na caixa azul. A representação de dois guaxinins sugere *binners* mexendo no material descartado. Os guaxinins são animais que muitas vezes habitam áreas urbanas em cidades norte-americanas e se alimentam de lixo. Outra forma de interpretar o folheto pensando-se que os guaxinins representam os *binners* é induzido pelo fato de que o homem está, de alguma forma, protegido dos guaxinins, ao ser colocado atrás de uma janela, já que os animais podem representar algum tipo de perigo para ele.

Nessa figura, há também um segmento de texto que diz: "ser mais esperto até mesmo que os criadores de problemas mais intrometidos", que alerta o leitor sobre o roubo de material reciclável das caixas azuis. Em outras palavras, de acordo com o desenho (somente), pode-se supor que o DRC está alertando a população a proteger os seus materiais recicláveis dos guaxinins, porque eles podem representar perigo para o público em geral. No entanto, a partir de uma perspectiva semiótica, se lermos o texto incorporado à figura 2, podemos chegar à conclusão de que os guaxinins na imagem funcionam como um significado que traz uma outra conotação (que vai além dos guaxinins em si).

Como mencionado anteriormente, a Figura 2 está inserida dentro de um texto maior, que começa propondo uma pergunta (ou seja, "o que é "catação informal de lixo" (*scavenging*)?) e uma resposta (ou seja, "*scavenging* significa que alguém está pegando materiais recicláveis de sua caixa ou saco azul sem a sua permissão"). Para o propósito deste artigo, usamos apenas um trecho extraído do texto para ilustrar como o texto e as imagens que aparecem na mídia trabalham juntos na criação de discriminação contra os recicladores. Nesta resposta para a pergunta, o autor oferece um significado ou uma definição para a palavra "scavenging". O autor ainda compara "scavenging" com um outro verbo na forma de gerúndio, que significa tirar. Daí que, neste caso, a ação de "scavenging" ou de "catar" tem o mesmo significado de tirar. As imagens e os textos funcionam em conjunto para transmitir uma determinada mensagem. De uma perspectiva semiótica, a Figura 2 traz embutida uma conotação que pode ser invisível à primeira vista, mas torna-se evidente no texto. Além disso, tanto a Figura 2 como o texto podem produzir e reproduzir a estigmatização contra os *binners* porque eles estão associados com um animal urbano que se alimenta de carniça ou dejetos e pode roubar a identidade do público em geral. Isso diminui o valor da reciclagem e do trabalho que fazem, o que contribui para a sua marginalização e exclusão social, e, infelizmente, ajuda a moldar um desenvolvimento desigual.

Mais para frente no texto, o autor oferece aos proprietários de caixas ou sacos azuis um número de telefone 800, onde o público pode reportar qualquer atividade de catação de lixo. Essa linha direta com o DRC cria uma situação de vigilância na qual os *binners* podem ser monitorados. Não apenas as empresas de reciclagem, mas também o público em geral está sendo monitorador, pois, como mencionado, o público é responsável por supervisionar seu material reciclável. Do ponto de vista social, a vigilância é também uma forma de mudar o comportamento (Foucault, 1977). Por exemplo, os *binners* podem optar por não recolher os materiais recicláveis por causa do medo de alguém testemunhar a sua atividade e telefonar para o DRC, que pode levar à punição. Além disso, o instrumento de controle via linha direta pode criar e sustentar relações de poder desiguais entre os *binners*, e entre eles, a população em geral e o DRC.

" Eu não estou aqui para estuprar ou fazer pilhagem. Estou só de passagem para levar um pouco daquilo que você já não quer mais." (Mike, *binner* em Victoria)

Essa citação provém do debate sobre *Gestão Inclusiva de Resíduos* realizada na Universidade de Victoria, em Victoria, Canadá, em 2006. Os episódios seguintes também foram extraídos dos dados coletados durante a oficina de vídeo participativo com *binners* em Victoria e do painel de discussão sobre gestão inclusiva de resíduos. Os dados ilustram a percepção dos *binners* sobre o estigma que é criado e reproduzido pela mídia. Segue uma análise com perspectiva sociocultural sobre situações da vida real e algumas ideias expressas pelos participantes. O próximo trecho mostra uma conversa entre Mark e Joy. Neste ponto da sua interação, eles discutem problemas de estigmatização, e como o público em geral os percebe como *binners*.

Mark: Eu acredito que há um certo [*estigma*

Joy [□É um “rótulo”, □É um “rótulo”.

Mark: Quero dizer, o nosso rosto parece nos delatar. Eu entro em uma loja e eles me consideram um ladrão, porque o meu rosto conta uma história, são minhas bochechas ossudas. Eu sou um ex-viciado em heroína. Eu não sou ex. Eu sempre serei um viciado em heroína enquanto eu viver.

Nesse episódio, ao usar o pronome pessoal “eu” seguido pelo verbo “acreditar”, Mark, um dos *binners* nesse grupo focal, introduz a conversa oferecendo sua própria perspectiva sobre o assunto que está prestes a discutir, que é como o público em geral pode percebê-lo como um *binner*. Ele afirma que há um sentimento de desrespeito associado à sua pessoa, ao dizer, “um certo estigma”.

Nesse ponto, com voz baixa, Joy, outra *binner*, interrompe Mark dizendo que o que Mark está falando é uma questão do posicionamento do caráter de uma pessoa que é apresentado ou percebido por outros. Como Joy diz: “*é um rótulo*”, uma alegação que ela repete pela segunda vez com um tom mais alto de voz. Na sequência, Mark explica o que quis dizer quando usou o a palavra “*estigma*” em seu discurso.

Podemos garantir que as suas explicações ainda são baseadas em seu próprio ponto de vista, porque ele usa o pronome pessoal “eu” seguido pelo verbo “quero dizer” (*mean*). Ele continua dizendo: “nosso rosto parece dizer algo sobre nós”. Ao dizer “*nosso rosto*” ele não deixa claro a quem está se referindo. Pode ser possível que sejam os rostos de todos que participam dessa oficina, ou as faces dos *binners* em geral. Saber a quem Mark se refere não é relevante aqui. Pelo contrário, o que é relevante é o fato de que o rosto a que se refere aparentemente diz alguma coisa (que ele não chega a dar mais detalhes) para alguém, “nós”. Mais uma vez, o pronome “nós” é desconhecido, o que é também irrelevante. No entanto, Mark usa uma forma figurativa quando afirma que os rostos dizem algo, porque na realidade os rostos são apenas uma parte do corpo que é capaz de falar por si. Em Inglês, quando alguém diz que os rostos dizem alguma coisa, é culturalmente aceito o significado da forma como ele (o rosto) se parece e como ele pode antecipar as ideias preconcebidas sobre alguém ou algo.

Ele continua dizendo que quando entra em uma loja, “eles” o consideram um ladrão (booster). Aqui, Mark não explica a quem o pronome “eles” se refere. No entanto, é possível ser alguém que trabalha na loja (ou, nesse contexto, em qualquer estabelecimento) em que ele possa entrar. Segundo Mark, os outros trabalhadores percebem-no como um criminoso. Mark não esclarece as razões para que ele seja percebido como tal. No entanto, devido à sua frase figurativa anterior, pode ser algo que é evidente em seu rosto, como ele diz com as palavras: “meu rosto conta uma história”.

Em seguida, ao mencionar a conjunção “porque”, Mark explica os motivos para que seja reconhecido como um criminoso. Segundo ele, é devido à forma como o seu rosto se

parece, ou à anatomia de seu rosto. "Minhas bochechas ossudas", diz Mark, o que significa que os ossos abaixo de seus olhos são proeminentes, portanto, muito visíveis, o que pode ser um dos efeitos colaterais do uso excessivo de drogas. Esses efeitos colaterais podem ser causados pela excessiva perda de peso sofrida por quem lida ou lidou com problemas relacionados a drogas. Em sua próxima frase, Mark coloca um fato sobre si mesmo: "Eu sou ex-viciado em heroína". Ao usar o prefixo "ex", esclarece o fato de que costumava ter problemas relacionados a drogas (por exemplo, a dependência de heroína). No entanto, em sua sentença seguinte, ele afirma que ele não é um ex-viciado em heroína: "Eu não sou ex". A partir do seu discurso não ficam claros os motivos pelos quais ele se contradiz, embora finalize o seu discurso dizendo que sempre será um viciado em heroína para o resto de sua vida. As razões para que faça tal afirmação e entre em contradição não são relevantes para nosso estudo. Pelo contrário, sua explicação sobre o fato de que ele é (ou era) um viciado em heroína é evidente em sua aparência. Em outras palavras, o sintoma de problemas relacionados a drogas (por exemplo, perda de peso) são perceptíveis em seu rosto, porque as maçãs do rosto se tornam mais proeminentes, fato que pode mediar ideias preconcebidas das pessoas sobre seu vício em drogas, portanto, associando-o a um criminoso, já que no Canadá a heroína é uma droga ilegal.

O episódio anterior sugere uma ligação entre a aparência ou a forma de vestir dos *binners*, como elas podem ser percebidas pelo público em geral e a forma como se identificam, muitas vezes resultando em estigmatização. A análise do discurso ajuda a desmistificar preconceitos, oferecendo oportunidades para medidas que auxiliem na superação da discriminação e da intolerância (Reisigl; Wodak, 2001). No terceiro episódio a seguir, John toca na questão das ideias preconcebidas que o público em geral tem em relação a ele. Como discutiremos adiante, essas ideias preconcebidas, podem ser mediadas pela sua aparência.

John: "Nem todas as pessoas, como moradores de rua, usam drogas. Eles, ah, eles, eles disseram que eu parecia saudável demais para ser uma pessoa sem-teto. Eles disseram que eu parecia limpo demais para ser um viciado em drogas. Como é que eles, o que os faz pensar que eu sou um, para começo de conversa? Certo? Este é o meu comentário. Eu não, eu não (.) lhes digo que sou um viciado em drogas, porque eu não sou."

João começa seu discurso argumentando que nem todo mundo que vive nas ruas tem problemas com drogas. No entanto, por dizer "*nem todos*", ele está também afirmando que existe uma parcela da população sem-teto que tem problemas com drogas. Além disso, ao iniciar seu discurso falando sobre o problema com drogas que as pessoas sem-teto podem ter, ele antecipa aos seus ouvintes o tema de seu discurso, que é sobre drogas. Ele, em seguida, argumenta que alguém disse algo, que "eles (o que repete três vezes), disseram". Até agora, não está claro nem a quem o pronome pessoal "eles" se refere, nem o que "eles" disseram. No entanto, devido à sua frase anterior, é previsível que, o que quer que tenham dito, tenha sido sobre drogas.

Ele continua discutindo o que foi dito, que ele parece saudável demais para uma pessoa sem-teto. A partir da fala de John, não podemos saber quem disse isso, porque John diz "eles", mas não descreve quem eles são. No entanto, se John parece saudável para uma pessoa sem-teto, está implícito que os sem-teto não são saudáveis.

Então John diz, "eles disseram que eu pareço limpo demais para ser um viciado em drogas". Mais uma vez John não descreve a quem está se referindo, porque continua usando o pronome "eles". No entanto, podemos afirmar que quem quer que tenha dito algo a ele, fez isso no passado, porque ele usa o verbo "dizer" em sua forma no passado simples. Por isso, é claro que John fala sobre alguma experiência pessoal que teve no passado, porque o que quer que

tenha sido dito, foi dito a ele. Além disso, se John parece limpo demais para ser um viciado em drogas, é implícito que os toxicodependentes sejam sujos.

Então, John pergunta (talvez à sua audiência, talvez a si próprio) o que medeia o conhecimento das pessoas ("o que faz as pessoas pensarem") sobre o seu problema de uso de drogas ("Eu sou um deles"). John conclui seu discurso afirmando que não declara aos outros que ele tem problemas com drogas, e a razão pela qual ele faz isso é porque ele diz não ser um viciado em drogas. O vício de drogas (ou não) de John não é relevante para este artigo. O que é relevante aqui é o fato que, segundo o discurso de John, parece haver uma certa ideia preconcebida (do público) em torno de como os *binnners* aparentam (ou deveriam aparentar).

Por exemplo, por ser uma pessoa sem-teto ela também deve estar suja; por não ser saudável e ser sem-teto, a pessoa também deve ser viciada em drogas. Tais ideias preconcebidas podem ser mediadas pelos meios de comunicação que, no exemplo apresentado, compara os *binnners* a guaxinins. Além disso, podemos concluir a partir deste último episódio que existe um certo estigma (entre o público em geral) em torno de como é a aparência dos *binnners*, ou como eles devem aparentar.

Conclusões

Usando conceitos da Geografia Crítica Humana, Semiótica Social e Análise de Discurso, *A história do meu rosto* se baseia em um tipo simples de material impresso (folhetos) e material de oficina de vídeo com os *binnners* em Victoria para investigar como a mídia impressa local gera e perpetua a estigmatização contra os *binnners*. Mais ainda, este trabalho aborda as percepções dos recicladores sobre a estigmatização. Apresentamos trechos de um folheto distribuído localmente que ilustra como os *binnners* são associados com animais urbanos, o que, ao mesmo tempo, diminui o valor do seu trabalho e aumenta a sua exclusão social. Reconhecemos que o folheto não se refere exclusivamente aos *binnners*, uma vez que os guaxinins também representam certa ameaça para o lixo das pessoas. Do ponto de vista sociopolítico, porém, a campanha lançada pelo Distrito Regional de Victoria vai além da proteção da população contra a catação de lixo (*scavenging*) ou o roubo de identidade. Apesar dos inúmeros benefícios sociais, econômicos e ambientais proporcionados pela recuperação de recursos e reciclagem, a coleta seletiva feita por *binnners* ou recicladores informais ainda é ilegal na maioria dos lugares, como é também no Canadá. No entanto, em todo o mundo, a reciclagem informal e organizada se estende à vida útil dos aterros sanitários e, assim, economiza o dinheiro das cidades devido à menor necessidade de coleta, transporte e descarte de equipamentos, pessoal e instalações (Medina, 2005). No caso de Victoria, a cidade em estudo, o lixo pertence àquele que o gera até ser colocado dentro da caixa azul, quando ele se torna propriedade da METRO Waste, que é a empresa de gestão de resíduos responsável pela coleta e destinação final do lixo reciclável em Victoria.

Um raciocínio por trás dessa mensagem no folheto é que o DRC tem uma obrigação contratual de fornecer determinadas quantidades de diferentes materiais recicláveis para a empresa de reciclagem METRO Waste. Isso foi revelado por diversas vezes durante as conversas com os funcionários responsáveis pelos resíduos sólidos do DRC desde 2008. A METRO Waste separa e comercializa os materiais recicláveis. Nesse contexto, os *binnners* podem representar uma ameaça para o DRC, pois eles recolhem garrafas e latas da caixa azul, o que possivelmente diminui o lucro da METRO Waste. No entanto, essa atividade representa uma geração de renda para os recicladores, e, para a maioria deles, o único ganha-pão que têm (Autor et al., 2007). O DRC, através dessa campanha recente, está apelando ao público em geral para que proteja seus materiais recicláveis de serem tomados pelo guaxinins ou pelos

binners. Ao fazê-lo, o DRC não está apenas impedindo a geração de renda para os mais excluídos, mas também está reiterando a estigmatização existente contra esse grupo de pessoas. Além disso, o raciocínio da cidade de Victoria sugere um foco na obtenção de lucros através da reciclagem, em vez de apoiar a economia social e valorizar a participação econômica dos grupos que geralmente são excluídos por assuntos de pobreza, dependência ou deficiência física ou mental.

Existem exemplos de países do hemisfério sul reconhecendo o "serviço ambiental" que os recicladores executam. Alguns desses casos são descritos como experiências de gestão participativa e sustentável de resíduos sólidos (Autor, 2009; Medina, 2001). Vários municípios no Brasil, por exemplo, agora remuneram os catadores pela quantidade de materiais recicláveis recuperados, reconhecendo, assim, a sua contribuição ao serviço ambiental. Iniciativas de reciclagem informais e organizadas são cruciais para provocar uma necessária mudança de paradigma em direção à recuperação de recursos e desperdício zero. Um jornalista local, em Victoria, uma vez expressou que, sem saber muito sobre os *binners*, ela percebia-os como "perdedores", enquanto que ao aprender sobre a sua forma de sustento e sua contribuição para a recuperação de recursos, a imagem deles havia mudado para "agente ambiental". A linguagem humana e, por extensão, a informação e o conhecimento são subjetivos e tendenciosos segundo o contexto criado em certos ambientes ideológicos, organizacionais e socioculturais (Liew, p. 81, 2007). A conscientização sociocultural é uma das pré-condições para que ocorra essa mudança de 'perdedor' para 'agente prestador de um serviço'. Estamos rodeados de sinais/signos (por exemplo, fotografias, imagens, textos, desenhos) que se tornaram fundamentais na formação da identidade da nossa sociedade e na criação e disseminação de informações (Chaplin, 1994)

Os sinais/signos se tornaram tão comuns que eles não somente misturam-se com a realidade, mas também se tornaram a própria realidade. Nesse contexto, a mídia impressa se torna uma ferramenta poderosa na produção das percepções que as pessoas têm do seu entorno. Ou seja, o que e quem somos e o que sabemos é mediado por livros, textos, revistas, imagens, e assim por diante. A análise semiótica e a análise da cultura visual podem contribuir para decodificar o discurso da mídia, o que nos ajuda a entender como nós sabemos o que sabemos e qual o significado que fazemos do conteúdo da mídia impressa. Em outras palavras, a compreensão dos significados/significantes é fundamental para expor as diferenças de visão de mundo e dar forma a diferentes comportamentos, permitindo-nos filtrar e contestar os sinais/signos que nos deparamos todos os dias, e impedindo que nos tornemos passivos em certas situações. Portanto, estudar a semiótica no contexto das questões sociais é importante porque nos auxilia na compreensão do papel que os sinais/signos desempenham na construção de realidades sociais.

Desconstruir a semiótica social e o discurso que formam nossas mensagens diárias e medeiam as normas sociais e interações, nos ajuda a identificar as mensagens que reiteram a marginalização. Entender a educação como um processo de conscientização ativa, como sugerido por Paulo Freire, oferece um caminho para superar essa reiteração da marginalização e estigmatização reforçada. Mudar a percepção dos resíduos de algo sujo, não desejado, sem valor para resíduos como um recurso, como algo valioso que pode ser reutilizado ou reciclado também muda a percepção das pessoas envolvidas na sua recuperação, reconhecendo a oportunidade para também recuperar sua cidadania. Na realidade, recicladores informais e *binners* são agentes ambientais. Eles recolhem os recicláveis, não só de latas de lixo, mas muitas vezes também fora delas, o que é descuidadamente deixado para trás em ruas, parques, bueiros, etc. Essas facetas do trabalho dos *binners* também precisam ser reconhecidas. Propagar a imagem de "recuperador de recursos" e "protetor ambiental" é uma importante

estratégia para apoiar a inclusão social daqueles que até agora são os mais marginalizados em nossa sociedade.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer o apoio e a confiança recebidos dos *bidders* em Victoria e Vancouver durante todos os vários momentos da pesquisa. Diversos integrantes do Laboratório de pesquisa comunitária (*Community-based Research Laboratory*) no Departamento de Geografia da Universidade de Victoria, no Canadá participaram na realização da oficina de vídeo e do seminário sobre Gestão Inclusiva de Resíduos Sólidos.

Notas

Convenções de transcrição utilizadas:

□ e □ subida e descida do tom de voz;

(.) pausa perceptível de menos de 0,10 segundos;

[colchetes em linhas consecutivas indicam o início de sobreposição de vozes.

Referências Bibliográficas

ACKERMAN, F.; Mirza, S. Waste in the inner city: Asset or assault? *Local Environ. Int. J. Justice Sustain.* 2001, *6*, 113–120.

ALI, M. Urban waste management as if people matter. *Habitat Int.* 2006, *30*, 729–730.

BAUD, I.; Grafakos, S.; Hordijk, M.; Post, J. Quality of life and alliances in solid waste management. *Cities* 2001, *18*, 3–12.

BULLARD, R. Environmental justice: It's more than waste facility sitting. *Soc. Sci. Quart.* 1996, *77*, 493–499.

BURGES, J. The production and consumption of environmental meanings in the mass media: A research agenda for the 1990s. *T. I. Brit. Geogr.* 1990, *15*, 139–161.

CALDEIRA, P.R.T. *City of Walls. Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo*; University of California Press: Berkeley, CA, USA, 2000.

Capital Region District Official. Victoria, Canada. Personal communication, 2008.

CHANDLER, D. *Semiotics the Basics*; Routledge: New York, NY, USA, 2007.

CHAPLIN, E. *Sociology and Visual Representation*; Routledge: London, UK, 1994

CRD Capital Regional District. *Scavenging & Identity Theft—Curbside Recycling*; Available online: <http://www.crd.bc.ca/waste/recycle/scavengingidentity.htm> (accessed on 25 October 2010).

DANESI, M. *Of Cigarettes, High Heels, and Other Interesting Things—An Introduction to Semiotics*; Palgrave: New York, NY, USA, 2008.

DEAR, M. The postmodern challenge: reconstructing human geography. *T. I. Brit. Geogr.* 1988, *13*, 262–274.

EDWARDS, D.; Potter, J. *Discursive Psychology*; Sage: London, UK, 1992.

EIGENHEER, E. *Lixo, Vanitas e Morte—Considerações de um Observador de Resíduos*; Editora da UFF: Niterói, Brazil, 2003.

FOUCAULT, M. *Discipline and Punish*; Random House: New York, NY, USA, 1977.

FREIRE, P. *Pedagogy of the Oppressed*; The Continuum International Publishing Group: New York, NY, USA, 1970.

GUTBERLET, J. Cities, consumption, and the generation of waste. *Aviso 2003*, *11*, 12–19.

GUTBERLET, J. *Recycling Citizenship, Recovering Resources: Urban Poverty Reduction in Latin America*; Ashgate: Aldershot, UK, 2008.

GUTBERLET, J.; TREMBLAY, C.; TAYLOR, E.; DIVANARANNAIR, N. *The Binning Community in Victoria. A Participatory Exploration for Livelihood Enhancement*; Project Report; The Communities-based Research Laboratory, Department of Geography, University of Victoria: Victoria, Canada, 2007.

GUTBERLET, J.; Tremblay, C.; Taylor, E.; Divanarannair, N. Who are our informal recyclers? An inquiry to uncover crisis and potential in Victoria, Canada. *Local Environ. Int. J. Justice Sustain.* 2009, *14*, 733–747.

HARVEY, D. Revolutionary and counter-revolutionary theory in geography and the problem of ghetto formation. *Antipode* 1972, *5*, 1–6.

HARVEY, D. *Social Justice and the City*; Arnold: London, UK, 1973.

HENRY, R. Victoria Coast Salish, Canada. Personal communication, 2010.

HODGE, R.; Kress, G. *Social Semiotics*; Cornell University Press: New York, NY, USA, 1988.

HWANG, S.; Roth, W.M.; Pozzer-Ardenghi, L. Understanding collaborative practice: Reading between the lines actions. *Crit. Soc. Stud.* 2005, *7*, 50–69.

JACKSON, P. *Race and Racism: Essays in Social Geography*; Allen and Unwin: London, UK, 1987.

LAVIGNE, A. Bidders seek respect. *Victoria News*, 25 October 2006.

LEFEBVRE, H. *The Production of Space*; Blackwell Publishing: Oxford, UK, 1991.

LEONARDO, Z. Critical social theory and transformative knowledge: The functions of criticism in quality education. *Educ. Res.* 2004, *33*, 11–18.

LIEW, C.L. From concept to context: Towards social cultural awareness and responsibility in the organization of knowledge. In *Cross Cultural Perspectives on Knowledge Management*; Pauleen, D.J., Ed.; Libraries Unlimited: Westport, CT, USA, 2007; pp. 81–94.

MEDINA, M. Scavenging in America: Back to the future? *Resour. Conserv. Recycl.* 2001, *31*, 229–240.

MEDINA, M. Waste picker cooperatives in developing countries. Presented at WIEGO/Cornell/ SEWA Conference on Membership-Based Organizations of the Poor: Theory, Experience and Policy, Ahmedabad, India, 17–21 January 2005.

PEET, R. *Radical Geography*; Methuen: London, UK, 1977.

PEET, R. The development of radical geography in the United States. *Prog. Hum. Geog.* 1975, *1*, 240–263.

PILE, S. Human agency and human geography revisited: A critique of ‘new models’ of the self. *T. I. Brit. Geogr.* 1992, *18*, 122–139.

PONGRACZ, E.; Pohjola, V. Re-defining waste, the concept of ownership and the role of waste management. *Resour. Conserv. Recycl.* 2004, *40*, 141–153.

Recicloscopio. Miradas sobre recuperadores urbanos de residuos de América Latina; Schamber, P., Suárez, F., Eds.; UNLa./UNGS/Prometeo: Buenos Aires, Argentina, 2007.

REISIGL, M.; WODAK, R. *Discourse and Discrimination. Rhetorics of Racism and Antisemitism*; Routledge: New York, NY, USA, 2001.

ROTH, W.M.; ALEXANDER, T. The interaction of student’s scientific and religious discourses: *Two case studies*. *Int. J. Sci. Educ.* 1997, *19*, 125–146.

SCOTT, A.J.; Storper, M. *Production, Work, Territory: The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism*; Allen and Unwin: Boston, MA, USA, 1986.

SMITH, S.J. Society, space and citizenship: A human geography for the new times? *T. I. Brit. Geogr.* 1989, *14*, 144–156.

SOJA, W.E. *Thirdspace*; Blackwell Publishing: Oxford, UK, 1996.

TREMBLAY, C. *Binnars in Vancouver: A Socio-economic Study on Binnars and Their Traplines in Downtown Eastside*; Master of Arts Thesis; Department of Geography, University of Victoria: Victoria, Canada, 2007.